

Redes sociais e desamparo na contemporaneidade: uma leitura psicanalítica

*Social networks and the helplessness in contemporaneity
times: a psychoanalytic reading*

Vitória Araújo de Araújo¹ e Magda Medianeira de Mello²

Resumo: O presente estudo se apresenta como uma investigação do uso das redes sociais na contemporaneidade através de uma leitura psicanalítica. A temática versa sobre a presença das redes sociais em crescente escala na vida das pessoas, manifestando vários aspectos que deixam à mostra o desamparo psíquico e narcísico que singularmente constituem o sujeito. A metodologia qualitativa de investigação utilizada foi revisão da literatura, tipo exploratória, assistemática possibilitando transitar em bibliografias de diferentes tempos da humanidade, desde a descoberta das motivações psíquicas dos usuários das mídias sociais, assim como, verificar como esses espaços podem se tornar depositários de projeções psíquicas. Conclui-se que, os impulsos que levam ao uso das mídias sociais se encontram na intersecção entre as representações das identificações primárias subjacentes do seu ideal de eu, eu ideal e as imposições culturais. Trilhando este caminho, tanto o movimento gregário quanto o individual em direção às mídias são influenciados e influenciadores das massas constituídas por sujeitos sociais e isolados, podendo então, levar a uma abertura na cultura, mas também a despersonalização e ao mal-estar de seus integrantes.

Palavras-chave: Desamparo; Redes sociais; Psicanálise.

Abstract: The present study presents itself as an investigation of the use of social networks in contemporary times through a psychoanalytic reading. The theme addresses the presence of social networks on an increasing scale in people's lives, manifesting several aspects that show the psychic and narcissistic helplessness that uniquely constitute the subject. The research methodology used was the literature review, unsystematically transiting bibliographies from different times of humanity, from social media users, and verifying how these spaces can be depositaries of psychic discoveries. Concluded that the impulses that lead to the use of social media are found at the intersection between representations of the underlying primary identifications of their ideal self and ideal self cultural impositions. Following this path, both the gregarious and the individual movement towards the media are influenced and influencers of the masses constituted by social and isolated subjects, being able then, leading to an opening in the culture, but also the depersonalization and the discomfort of its members.

Keywords: Helplessness; Social networks; Psychoanalysis.

¹ Acadêmica do curso de psicologia – Centro universitário Cenecista de Osório (UNICNEC).
Email: vitoriaaraujodearaugo@gmail.com

² Doutora em psicologia pela UAM; Psicanalista. Professora. Escritora. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
E-mail: magdamello23@gmail.com

Introdução

O presente artigo intitulado Redes sociais e o desamparo na contemporaneidade: uma leitura psicanalítica, teve como objetivo entrelaçar conhecimentos à respeito do uso das redes sociais e alguns conceitos psicanalíticos a exemplo do ideal de eu e ao eu ideal associados às vidas expostas na internet. Procurou aprofundar os efeitos das imposições da cultura na atualidade, uma vez que a sociedade é palco da descarga de tensões.

Frente ao crescimento exponencial das redes sociais, buscou-se analisar quais são as motivações psíquicas dos seus usuários, verificando como esses espaços podem se apresentar como um depositário para as suas projeções. Portanto, a investigação se dirigiu para a compreensão dos delineamentos da comunicação dos sujeitos e seus deslizamentos nos diferentes caminhos os quais a subjetividade humana tem percorrido, sejam estes através dos agrupamentos ou no exercício solitário de cada um dos sujeitos.

Desde as civilizações primitivas, as pessoas são sociáveis e adeptas a formação de grupos de acordo com suas afinidades e desejos. Este movimento gregário é pautado por interesses em comum e por esta via, o indivíduo constrói a sua existência em meio ao coletivo, ao mesmo tempo que por ele é constituído (Freud, 1921/2010).

Partindo do estudo das constituições familiares, pode-se constatar que, desde o nascimento, todos vivem em grupos. A inscrição física e psíquica do eu no mundo real, depende do olhar do outro, assim como a estruturação de sua personalidade e de seus valores morais são influenciados pelos fatores culturais que o circundam. Durante este processo de desenvolvimento, quando não se sabe a quais princípios obedecer para ser aceito na vida em sociedade, intenções das regras sociais podem estar em desacordo com o destino pulsional e singular de cada pessoa. Assim, a busca por essa aprovação do outro e do grupo são capazes de levar o sujeito a se movimentar entre liberdade e castração (Dor, 1985; Freud, 1930/2011; Pimentel, 2019).

Aproximando esses conceitos às vivências das últimas décadas, pode-se perceber um grande fluxo de informações particulares compartilhadas para a vasta extensão de usuários da internet onde o olhar de todos é determinante para a aprovação do conteúdo compartilhado. Lacan (1959-1960/1988) conceitua o deslocamento do íntimo à esfera pública como extimidade, visão esta que permanece atual. Cabe acrescentar que Debord (1967/2007) utilizou o conceito de Lacan e ampliou a abordagem referindo a sociedade do espetáculo, como palco para as angústias narcísicas humanas, ou seja, as pessoas passaram a se postar de acordo com o que imaginam que será ideal e esperado pela sociedade. Nessa mesma direção, Quinet (2019) reatualiza o conceito e acrescenta que, as vidas narradas por imagens e vídeos são como representações ideais criadas e reproduzidas pela cultura.

Em meio a modificação dos ambientes públicos e privados propiciados pela tecnologia, os agrupamentos sociais vêm se formando cada vez mais no meio digital (Manno & Rosa, 2018; Saddi, 2020). Os sujeitos que compõem as trocas virtuais são sociáveis, mas ao mesmo tempo solitários e isolados em suas telas durante instantes em que mostrar e ser visto é mais valioso do que realmente ser (Han, 2018; Lasneaux, 2021).

No decorrer da pesquisa, identificou-se que a tecnologia e as redes sociais modificam a constituição do sujeito singular e grupal. A cultura ao mesmo tempo é produtora e produto das novas formas de subjetividade e significação do mundo pelo homem da era digital e a psicanálise está imersa

a este processo de análise, pois entende-se que a comunicação está demasiadamente transpassada pelo meio eletrônico e os desdobramentos dessa ação são influentes, tanto no âmbito privado, quanto social.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, caracterizada por uma revisão literatura, assistemática. A escrita vinculou autores clássicos da psicanálise com obras contemporâneas como artigos e livros, buscando assim, associar conhecimentos consolidados com as recentes compreensões acerca das dinâmicas sociais.

A busca de referências foi realizada em bases eletrônicas tais como: Biblioteca virtual de saúde, Google Acadêmico, Pepsic e Scielo. Importante salientar que os descriptores que nortearam a pesquisa foram: Desamparo; Redes sociais; Projeção; Eu ideal; Ideal de eu e Sociedade do espetáculo, ao final, foram incluídos somente os estudos com data de publicação de no máximo cinco anos.

Resultados

Construção psíquica e caminhos da subjetividade na contemporaneidade

Durante a estruturação subjetiva de um novo sujeito, a sua identidade é formada a partir do olhar e da escuta dos outros. Desde o convívio com os pais e familiares, adquire-se uma percepção sobre si e a partir dessas identificações primárias, serão também introyetados inconscientemente modelos adquiridos na trama cultural e histórica em que se está inserido (Lima & Lima, 2020).

O processo identificatório depende da narcisização paterna investida aos filhos que, quando exercida positivamente, inscreve a criança como sujeito desejante e pertencente ao cenário sociocultural. Por outro lado, quando essa fase se sucede de forma negativa, a construção do aparelho psíquico se torna rompida ou enfraquecida, fazendo com que essa criança não se insira na rede simbólica e de significantes (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Lima & Lima, 2020).

Bleichmar (2005, p. 08) afirma que “no outro se alimentam não somente nossas bocas senão nossas mentes; dele recebemos junto com o leite, o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós e isso é inevitável” portanto, assim como referente às necessidades básicas, a inclusão do eu em meio a cultura também se subordina aos cuidados e olhares dos demais.

Dentre as estruturas que se formam durante este processo, está o ideal de eu e o eu ideal. Funcionando como um organizador da narcisização da criança, o ideal de eu que, assim como o superego é constituído após a passagem pelo complexo de édipo, é resultante das interações do narcisismo e das identificações primárias com os pais e com seus sucessores idealizados na sociedade (Laplanche & Pontalis, 1987/2016).

Já o eu ideal é antecessor às outras esferas psíquicas. Atrelado a um ego ainda em organização, formará a idealização que será buscada ao decorrer das interações sociais ao longo da vida. Este ideal primitivo pode ser representado por figuras públicas que causam inspiração ao sujeito e, de forma mútua, essas instâncias são influentes na maneira como as pessoas se defrontam

com a sua própria imagem e a dos outros (Laplanche & Pontalis, 1987/2016; Lima & Lima, 2020).

Essa construção de um ideal de si mesmo, quando associada a identificações negativas, pode estar relacionada ao desamparo e a sentimentos de inadequação social. Quanto mais as produções psíquicas estiverem calcadas nesta visão, maior a busca externa por um ponto norteador que enquadre as demandas individuais mesclando o desejo particular do eu com o coletivo dos outros (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Lima & Lima, 2020; Pimentel, 2019).

O ideal de eu é um local em que a pessoa se autoriza amar e ser amado a partir dos comportamentos que se estabelecem entre as circunstâncias reais e idealizadas. Em meio a essa dinâmica de desamparo o ego fica assujeitado aos mandamentos de um superego rígido e de um eu idealizado projetados às pessoas, estilos de vida e objetos no mundo (Quinet, 2019).

No desencontro entre o desejo e as pressões das idealizações pode se dar a formação de sofrimento psíquico, ao passo que as concepções idealizadas não são condizentes com a realidade (Lima & Lima, 2020). Os vínculos na sociedade contemporânea podem ser analisados por este viés ao passo que mobilidade comunicativa, ao mesmo tempo que traz benefício às conexões sociais, é causadora de angústia, pois com ela os indivíduos encontram-se constantemente em confronto entre a sua imagem e as ilustrações compartilhadas pela massa eletrônica (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Martinuzzo & Zanotti, 2020; Pimentel, 2019).

Quando se dispõe de uma rede simbólica pouco fortalecida, buscando subterfúgios para as frustrações, as figuras públicas podem funcionar como espelhos que refletem os ditames do superego. As pessoas reconhecem-se nos sujeitos digitais como se fossem alguém em que pudessem confiar seus segredos e compartilhar suas vidas, procurando aproximar-se do seu ideal particular contemplado nos outros por meio das redes sociais (Barbosa, 2019; Quinet, 2019).

Dentro dessa configuração, obedece-se aos padrões culturais e aos princípios da pulsão escópica em uma lógica em que ver e ser visto é mais importante do que a formação de elos reais. Em uma tentativa de preenchimento das fissuras subjetivas, essas existências maquiadas transpostas nas imagens serviriam idealmente como um tamponamento das verdadeiras características se não andassem juntas ao sofrimento e ao afastamento dos desejos pessoais. Misturando-se com o interesse das mídias, essas relações são somente quantificadas e não analisadas por suas qualidades idiossincráticas (Lacan, 1998; Pimentel, 2019).

Portanto, o estudo do padecimento narcísico busca compreender as relações da cultura atual. Visto que o impulso essencial do processo de análise é o entendimento do próprio eu imerso a massa também como singular, para que ele possa emergir em meio às idealizações feitas por si e pelos outros despindo-se do mal-estar por elas causado, procura-se também fazer com que cada um se encontre no próprio desejo (Quinet, 2019; Freud, 1930/2011).

O uso das redes sociais em meio a cultura: implicações psicológicas na vida pública e privada

A cultura pode operar como uma forma de linguagem que promove e dá continuidade às relações entre seus componentes. Condicionada às transformações geracionais, a comunicação se reconstrói a partir dos costumes de um contexto social, histórico e demográfico. Nos últimos anos, as barreiras derivadas das longas distâncias entre os indivíduos vêm sendo transpassadas pela conexão em tempo real proporcionada pela internet (Sibilia, 2016).

Na era digital, não só pela fala e escrita, mas também por imagens e vídeos a transmissão comunicativa está disciplinada. As redes sociais se apresentam como o meio de maior fluidez dessas mensagens e, nessa espécie de diário aberto ao público, os usuários se distinguem, de forma flexível, em dois grandes agrupamentos: em uma de suas faces têm-se os conhecidos *influenciadores* ou *youtubers* e na outra, seus seguidores. Cada uma com papéis distintamente ocupados, os primeiros compartilhando seus estilos de vida e gerando conteúdos enquanto os segundos acompanhando esses perfis e compondo o que Han (2018) denomina de enxame digital (Machado, 2021).

Nesse modelo de aglomeração, a comunicação é direta e independe de interlocutores ou intermediários. Os intérpretes que compõem a esfera pública ganham mais autonomia para deslocar-se entre os lugares de influenciadores e influenciados em um movimento que destrona as figuras públicas consideradas anteriormente líderes da massa. Ao passo que todos podem ver e ser vistos, seguir e ser seguidos, a passividade deixa de ser o grande atributo da nova geração, dando espaço a ação e a exposição mútua (Han, 2018).

Por outro lado, em meio a cultura do espetáculo, o sujeito pode desorientar-se quanto a aplicação da tecnologia em sua vida, levando a utilizações que causam a despersonalização em meio ao grupo (Manno & Rosa, 2018), pois “quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos comprehende sua própria existência e seu próprio desejo” (Debord, 1967/2007, p. 24).

Quando os afetos individuais que levam os usuários às redes sociais tomam dimensões grupais, as pessoas podem transformar desejos antes recalcados em práticas aceitas pelo grupo, ganhando força e reconhecimento social. A vida privada de cada sujeito pode ser invadida por imagens irreais como uma tentativa de substituição do que lhes é faltante (Debord, 1967/2007; Machado, 2021).

Ao ver estes outros no lugar desejado pelo seu ideal, acaba-se por consumir passivamente os conteúdos por eles compartilhados. Partindo desta tendência, as redes sociais podem se apresentar como um espaço que preenche as insatisfações internas e produz uma nova forma de gozo sobre si e sobre os outros, onde os sujeitos se posicionam fantasiosamente frente à encontros ficcionais, produzindo assim, uma forma solitária de estar próximo dos demais (Lasneaux, 2021; Manno & Rosa, 2018).

O percurso das mídias digitais é composto pela junção de muitos “Eus” que, mesmo buscando propósitos e tendo motivações em comum, são autônomos e sem ligações entre si (Han, 2018). Sobre essa configuração, Martinuzzo e Zanotti (2020, p. 305) ainda ressaltam que os agrupamentos podem ser compreendidos como uma “multidão de solitários agregados em torno de lideranças mesmerizantes que investem na conquista da atenção para si e não em intermediar diálogos entre seus seguidores”.

Surpreendendo satisfações parciais e fazendo com que motivos de ansiedades e compulsões possam ser afastados da consciência por alguns momentos, Pimentel (2019, p. 53) acredita que “a ausência da existência pode definir o virtual”, mostrando que o uso das redes sociais pode configurar-se como uma tentativa coletiva de igualar-se ao ideal de eu inconsciente.

Este contexto é demandante de análise pois, o espetáculo formado e alimentado pelo mal-estar na cultura utiliza-se de seus totens em uma tentativa de cumprir os princípios do superego e do contexto social impossíveis de serem suportados e alcançados. Portanto, quando vista sob a orientação do ideal de eu estabelecido por meio das relações infantis, a diáde formada entre seguidor e representação de líder na internet pode ser causadora de sofrimento visto

que a confusão entre vidas reais e virtuais é constante (Debord, 1967/2007; Machado, 2021; Manno & Rosa, 2018).

Busca-se então pertencimento aos grupos para que possa identificar-se, defrontando-se com outro exposto nas redes como uma espécie de projeção de seu próprio eu ideal. As pessoas que encontram na imagem de alguém a representação de um líder, podem encará-lo inconscientemente como a substituição das figuras paternas como um caminho para recolocar-se frente às suas angústias (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Martinuzzo & Zanotti, 2020).

Pensando em uma forma transversal, sem um olhar no futuro, almeja-se um bem-estar físico e psíquico imediato baseado nas determinações desse ideal imaginário. Na contemporaneidade, a substituição desses primeiros formatos de identificação pode projetar-se nos *influenciadores digitais e youtubers*, movimento este que contribui para o grande número de pessoas replicando práticas expostas nas redes sociais (Machado, 2021; Lasch, 1983).

Com isso, busca-se na cultura o olhar e o discurso familiar que, a partir da sua história singular, estruturam a subjetividade do sujeito. Tende-se a fixar-se em experiências que a conservem, sendo por esta via que a utilização da projeção como mecanismo de defesa durante o uso das mídias digitais se faz pertinente (Lima & Lima, 2020).

A projeção, segundo Laplanche e Pontalis (1987/2016), está profundamente vinculada à intenção. Portanto, ao mesmo tempo que o ideal de eu e o eu ideal projetam para o exterior o que pelo sujeito não consegue ser cumprido, evitando fontes de desprazer, são também formados por esse meio externo a partir dos objetos a eles introyetados. Neste processo, Machado (2021, p. 3) aponta o mal-estar como um “paradoxo da condição humana nos tempos modernos” pois há sempre a tentativa de adequação aos padrões e aos grupos como forma de manter as identificações e o sentimento de pertencimento.

Os diferentes pontos de vista dessa realidade podem levar a variadas elaborações do desamparo, e por consequência, à múltiplas formas de seu enfrentamento. Os sofrimentos de ordem irrepresentável podem ser refletidos tanto por hiatos quanto por excessos subjetivos, sendo que ambas as apresentações se caracterizam como um desordenamento das fronteiras entre o eu e os outros (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Lima & Lima, 2020).

As constituições paralisantes de sofrimento, quando delineadas pela exposição passiva aos imperativos culturais, levam a paralisação da fluidez psíquica colocando o sujeito em um local em que tende a não conseguir buscar objetos para que o investimento pulsional seja realizado, afastando-o do meio social como tentativa de um maior bem-estar. Por outro lado, pode-se adotar o caminho dos transbordamentos como tentativa de elaboração ou ocultamento de um desamparo interior (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Lima & Lima, 2020).

Os discursos proferidos pelos influenciadores levam também ao mal-estar no aspecto físico, postulando a idealização das vidas e dos corpos, em uma lógica de que todos devem ser bem-sucedidos, independentemente de seus atributos fisiológicos, sociais e financeiros. O corpo é o mais atingido pelas modificações impostas pelo ideal pessoal e cultural. Assim como comportamentos impulsivos e compensatórios, há também o aumento exponencial da ingestão calórica, das automutilações e dos procedimentos estéticos, sendo estes, resultantes do desencontro entre as pessoas reais e as concepções do ideal de eu (Machado, 2021; Manno & Rosa, 2018; Quinet, 2019).

Ao corpo incidem também aspectos psicossomáticos em maior proporção. Com manifestações principalmente em questões gastrointestinais,

cefaleias crônicas e alergias sem explicações clínicas, a estrutura física do sujeito é utilizada como um depositário dos conteúdos que não são elaborados através da fala (Campos, Menezes & Bocchi, 2020; Lima & Lima, 2020).

Entende-se que, por falta de palavras que ressignifiquem esse mal-estar, os discursos são deslocados às ações rápidas que os substituem, em uma lógica que os *likes* ou *hates* são demonstrações da era digital para descargas de afetos inconscientes. Na relação do eu com essa dinâmica, a partir da contemplação das fotografias e vídeos compartilhados podem emergir sentimento de culpa e inadequação e a internet pode tornar-se também uma espécie de consultório público, onde essas angústias são compartilhadas, fazendo com que os atores envolvidos se identifiquem mutuamente, afastando-os do verdadeiro processo de análise (Han, 2018; Machado, 2021).

A partir dessa exposição, a dualidade entre ser e querer ser mostra que “a sociedade escópica reatualiza a ilusão de que o sol brilha para todos ao acenar com a possibilidade de qualquer um pode ser uma celebridade” (Quinet, 2019, p. 42), pois demonstra que o deslocamento cíclico do sujeito que não sabe se quer seguir o seu próprio desejo ou o do outro acontece para que ele se aproxime mais de seu ideal. As metáforas utilizadas para que isso aconteça servem como um encobrimento das lacunas deixadas pela existência real, impossibilitando a significação e tornando o sofrimento uma grande temática não pensada pela sociedade (Pimentel, 2019).

Por esta perspectiva, a formação do enxame digital em uma fluidez de papéis, ora exibindo-se como seguidor, ora como figura a ser seguida, representantes de um ideal imposto pela cultura na contemporaneidade está modificando a forma como a psicanálise analisa o fenômeno das influências grupais, assim como das motivações vinculadas a esse grande acompanhamento das vidas compartilhadas nas redes sociais (Han, 2018; Manno & Rosa, 2018).

Discussão

As configurações dos grupos em meio a sociedade vêm sendo estudadas desde o princípio da psicanálise, abarcando tanto o âmbito sociológico quanto as suas aplicações e implicações no exercício clínico particular. Desde Freud verificou-se o interesse das pesquisas psicanalíticas sobre a temática e a aquisição desses conhecimentos é edificada gradualmente ainda hoje. Visto que as formas de comunicação entre os membros de um agrupamento se modificam, é possível traçar um paralelo entre os pontos de vistas de diferentes autores de acordo com as concepções de seu contexto histórico.

Atualmente, as redes sociais são o maior meio de comunicação entre os sujeitos e a análise das características que contornam a sua utilização vinculadas ao desamparo psíquico teve como objetivo aproximar a literatura clássica da psicanálise com os escritos atuais para que os caminhos da comunicação ao longo do tempo pudessem ser traduzidos, assim como verificar se essa forma de diálogo pode se apresentar como um local de projeção aos padecimentos de seus usuários.

Observou-se também, como o ideal de eu e o eu ideal se entrecruzam com as interações digitais, percebendo-se que os delineamentos da comunicação estão transpassados por diversas vias que se nutrem do sofrimento psíquico e atuam como um retorno às demandas inconscientes não elaboradas. Em meio a era do narcisismo, o sujeito se constrói a partir da imagem do outro, vê e é visto por uma lente baseada nos ideais formados no seu psiquismo e nas exigências da cultura.

O sujeito afastou da esfera simbólica qualquer possibilidade de uma organização das suas redes de significantes frente as faltas subjetivas, colocando-se frente às imagens transmitidas, ora como um ser passivo e consumidor, ora como ativo e criador de conteúdo em uma relação que faz de qualquer um produtor e seguidor dos modos de vida expostos nas redes sociais.

A dualidade está marcada por uma esterilidade de conteúdos que, por um lado promove a busca por exposição e por outro, a paralisação frente ao que é visto. Essas distinções caminham em lados opostos, porém fluidos, possibilitando que o sujeito possa permear ambas como diferentes manifestações do sofrimento psíquico na atualidade.

Han (2018) observou as massas digitais como agrupamentos pois, os atores envolvidos no grande fluxo de compartilhamentos e visualizações não conseguem ganhar a força de uma massa propulsora de novas formas de pensar. Dentro dessa grande família sociável, onde cada uma busca em meio ao grupo figuras substituíveis condizentes com os modelos tidos em suas identificações primárias, o autor aponta por outro lado, o destronamento dos líderes, antes seguidos cegamente, abrindo espaço para a reflexão sobre todos esses componentes serem ao mesmo tempo influenciadores e influenciados, vítimas e carrascos das produções que causam sofrimento.

Nesse movimento cíclico, as massas digitais se diferem das estudadas por Freud (1930/2011). As barreiras entre o público e o privado se misturam e junto a isso, acontece a homogeneização dos limites entre o eu e o outro, entre o desejo pessoal e o do grupo onde, muitos acabam mais por contemplar o que se vê do que desfrutar das suas vidas. Por este viés, pode-se observar que a projeção e introjeção estão balizadas de acordo com a quantidade e qualidade do conteúdo transmitido e retido pelo aparelho psíquico, que, a partir do processo de narcisização, interpreta e devolve à cultura o seu próprio conteúdo traduzido pela atualização do mal-estar.

Essa forma de sofrimento pautada em imagens e exposições já era vista em Debord (1967/2007) com a análise da sociedade do espetáculo da década de 60. Por conseguinte, acredita-se que as vivências baseadas na contemplação se fazem mais importantes à medida que a vida real diminui e as necessidades de tamponamento se tornam maiores do que as verdadeiras relações.

Considerações finais

As redes sociais mostram-se no contexto sócio-histórico contemporâneo como o grande veículo comunicativo entre as pessoas, propiciando trocas subjetivas através de suas imagens e vídeos que atravessam o sujeito de acordo com sua bagagem psíquica quando o eu, localiza-se imerso ao mundo digital como um ser desrido do próprio desejo.

O encontro de suas motivações está no ponto em que se cruzam a representação das identificações primárias subjacentes do seu ideal de eu, eu ideal e as imposições culturais, gerando assim, mal-estar e sofrimentos quando os subterfúgios utilizados para ocultar suas faltas não são suficientes ao desamparo interior.

Portanto, existem matizes do sofrimento psíquico na contemporaneidade ainda não estudadas e junto a elas, os padecimentos vinculados ao uso das redes sociais e o desamparo como motivação de seus usuários. Verificou-se que a bibliografia clássica se mostra ainda relevante e aplicável as descobertas atuais e que, vinculada a estudos contemporâneos, contribuiu ao entendimento da dinâmica entre as redes sociais e o desamparo. Se faz também relevante

ressaltar a importância de um maior número de pesquisas para que se possa conhecer novas demandas e traçar caminhos de análise frente às diversas formas de relações entre o eu e o outro.

Referências

- Barbosa, M. K. (2017). A questão do íntimo na internet. *Youtubers como psicanálise do quotidiano*. *Idé*, 39(63), 99-115. Recuperado em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v39n63/v39n63a08.pdf>.
- Bleichmar, S. (2005). *Subjetividad em riesco*. Buenos Aires: Topia.
- Campos, É. B. V., Menezes, L. S., & Bocchi, J. C. (2020). A psicanálise e o desamparo frente à crise de valores e ideais de naturalidade. *Estudos interdisciplinares em psicanálise*, 11(3), 04 - 27. doi: 10.5433/2236-6407.2020v11n-3supl4.
- Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo* (1a ed.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dor, J. (1985). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem* (1a ed.). São Paulo: Artmed.
- Freud, S. (2010). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 - 1923)* (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920-1923)
- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930-1936)
- Han, B. (2018). *No enxame: Perspectivas do digital* (1a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1959-1960)
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (1. ed.). Rio de Janeiro: Sergio Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. L. (2016). *Vocabulário de Psicanálise* (4. ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Lasch, C. (1983). *A cultura do Narcisismo* (1. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lasneaux, M. V. (2021). Massas e enxame: uma análise dos conceitos em Freud e Han. *Revista filosófica São Boaventura*, 15(1), 89-102. Recuperado em <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/126>.
- Lima, P. M. R., & Lima, S. C. (2020). Psicanálise Crítica: A escuta do Sofrimento Psíquico e suas Implicações Sociopolíticas. *Psicologia: ciência e profissão*, 40(1), 1-15. doi: 10.1590/1982-3703003190256.
- Machado, M. R. S. (2021). *Massas digitais: uma reflexão psicanalítica*. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Manno, M. V. M., & Rosa, C. M. (2018). Dependência da internet: sinal de solidão e inadequação social? *Polemica – revista eletrônica da Uerj*, 18(2), 119-132. doi: 10.12957/polemica.2018.37793.
- Martinuzzo, J. A., & Zanotti, R. V. (2020). A multidão de solitários na comunicação em massa nos ciberespaços das redes sociais digitais. *Revista ECCOM*, 11(21), 293-308. Recuperado em <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1136>.
- Pimentel, D. (2019). O sujeito contemporâneo e a realidade virtual. *Estudos de psicanálise*, 1(52), 51 - 58. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-3437201900020000.
- Quinet, A. (2019). Paranoia das massas da era digital – Os softidiots e a brigbrotherização. *Psicanálise e barroco em revista*, 17(2), 139-155. doi:10.9789/1679-9887.2019.v17i2.139-155.
- Saddi, L. (2020). Pandemia e pandemônios no Brasil: o valor da psicanálise. *Idé São Paulo*, 42(69), 77-83. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000100008.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2. ed.). Rio de Janeiro: Contraponto.